

## **MATURIDADE POLÍTICA E UNIÃO NACIONAL**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S. Paulo*, 17.04.1984

Ontem estávamos todos na grande passeata pelas diretas de São Paulo. Passeata-comício que novamente trouxe para a praça pública representantes de todas as classes trabalhadores, classe média tecnoburocrática, burguesia. E este fenômeno político repetese em todo o Brasil. Em todas as cidades a população comparece em massa aos comícios, sem distinção de classes, de credos, de raças. Estão todos na praça: extrema esquerda, esquerda, centro e até a direita. Só a extrema direita e alguns oportunistas que ainda contam com a manutenção do regime autoritário não estão engajados na mais extraordinária campanha cívica que o Brasil tem notícia.

Na verdade, o que se produziu no Brasil nestes últimos meses foi uma grande união nacional, uma grande união interclassista, que geralmente só ocorre, de fato, quando um país está em guerra, enfrentando um inimigo externo. Não estamos em guerra, não há inimigo externo de quem se defender, mas há um inimigo interno a ser derrotado: o regime autoritário que há vinte anos domina o país, o regime autoritário que levou o país a uma crise econômica e a uma situação de desmoralização dos governantes sem precedentes.

Diante dessa situação produziu-se a união nacional, a união interclassista de toda a sociedade brasileira, a identificação da sociedade civil com o povo.

Conforme observa o historiador Boris Fausto, entretanto, esta campanha cívica só se constituirá em um fenômeno histórico marcante se lograr seu objetivo, se modificar a estrutura de poder existente no Brasil.

Há uma semana atrás havia ainda muita gente que duvidava do êxito da campanha. Depois do comício do Rio de Janeiro no último dia 10, entretanto, a mudança de posição dos

deputados do PDS acelerou-se. E ganhou ainda mais força quando o presidente, em um de seus momentos de espontaneidade, afirmou que se estivesse no Rio seria o milionésimo primeiro participante do comício e criticou o PDS por sua insensibilidade à idéia das diretas. Os desmentidos ridículos do dia seguinte não mudaram em nada o fato. E certamente indignaram muitos membros do PDS, que aceitam o comando do presidente contra a voz de toda a sociedade. Ao fazer aquela declaração o presidente confundiu todos os deputados e senadores do PDS com o grupo de oportunistas que apóia as candidaturas indiretas de Maluf e Andreazza. E os responsabilizou por uma tomada de posição que na verdade é oficialmente do presidente.

A probabilidade de aprovação da emenda das diretas apoiada nessa extraordinária campanha interclassista, aumenta, portanto, dia a dia.

Com essa campanha o povo brasileiro vem dando uma demonstração de maturidade política que surpreende a muitos. A preocupação em manter a unidade do movimento moderou todos os radicalismos. Quando grupos de esquerda davam um passo mais ousado, como foi o caso da proposta de transformar a paralisação aprovada pelo Comitê Pró-diretas em greve geral no dia 25 de abril, ou o excesso de bandeiras vermelhas nos comícios, os demais membros do movimento pediam moderação e a moderação era lograda.

Depois desta campanha, a velha tese autoritária de que o Brasil não está preparado para a democracia perdeu qualquer sentido. A democracia convive perfeitamente com o conflito e o debate entre as classes, mas só é possível quando existe um pacto social básico unindo o povo e a sociedade civil em torno de certos valores essenciais como a liberdade e o respeito aos direitos humanos. A campanha pelas diretas demonstrou que esse pacto já existe no Brasil.(17/04)